China

A DEMANDA POR ALIMENTOS

Andréa C. Bertolini*

SEGUNDO AS estatísticas do governo da China, durante os anos de 2012 e 2013, o PIB do país cresceu 7,8% e 7,7%, respectivamente. A expectativa é de que, em 2014, o PIB da China cresça 7,5%. Com a finalidade de assegurar este crescimento, o governo tem incentivado a liberdade de mercado, reduzido a intervenção do Estado na economia, realizado reformas tributárias, flexibilizado a política do filho único e feito mudanças no sistema de concessão de terras. Destacam-se, entre os resultados obtidos, o aquecimento da economia, o crescimento do número de empregos urbanos, uma maior arrecadação fiscal e o aumento do poder aquisitivo da população. Esse cenário tem contribuído para o aumento do consumo de alimentos e de matérias-primas. Entre os principais desafios do governo, está o desenvolvimento de uma agricultura mais competitiva, que atenda a crescente demanda por alimentos e garanta a segurança alimentar. Tema sensível que, por razões históricas da China, é vinculado à sua estabilidade política, a segurança alimentar é considerada como uma das prioridades do governo. Os constantes investimentos do governo na aquisição e na comercialização de estoques de produtos agroalimentares são exemplos da importância atribuída à segurança alimentar e ao controle da oferta e distribuição de alimentos.

De acordo com o Plano Nacional de Urbanização, até 2020, aproximadamente 100 milhões de chineses deslocar-se-ão das áreas rurais para os centros urbanos, aumentando o consumo e disponibilizando cerca de 36,6 milhões de hectares de terras. Atualmente, a agricultura na China é baseada em pequenas propriedades, sendo a área média estimada para a maioria das propriedades rurais de 0,7 hectares. Aproximadamente 56% das propriedades rurais chinesas têm menos de 3 hectares; 22% têm entre 4 e 7 hectares; 19%, entre 8 e 33 hectares; e apenas 3% têm mais de 33 hectares, refletindo a predominância do modelo de agricultura familiar e de pequenos produtores. O Plano Agrícola de 2014 da China reafirma o discurso do governo sobre a segurança alimentar e a autossuficiência, sempre presente nos planos agrícolas anteriores. O Plano Agrícola atual tem, porém, diretrizes que incentivam os programas de subsídios com base na produtividade; a redução da degradação ambiental; a modernização da agricultura; e as reformas no sistema de transferência e concessão de terras. São mencionadas, também, ações que incentivam investimentos em mecanização e irrigação agrícola; pesquisas para obtenção de variedades mais produtivas; projetos de infraestrutura e logística das áreas rurais; e programas nacionais de financiamento para produção de grãos. Observa-se, portanto, que o governo está adotando diretrizes que contribuem para o desenvolvimento de uma agricultura de grande escala, mecanizada, com foco no aumento da produtividade, que atenda a crescente demanda de alimentos e que suporte o êxodo rural previsto pelo Plano de Urbanização.

Como resultado dos esforços para modernizar a agricultura, a produtividade agrícola da China tem aumentado nos últimos anos. Porém, apesar da produção de grãos, estimada, em 2013, em 602 milhões de toneladas, a escassez de recursos naturais, principalmente de terras agricultáveis e de água, e a acelerada degradação ambiental são obstáculos relevantes ao crescimento da agricultura na China. Em 2013, enquanto a balança comercial total da China apresentou um superávit de USD 259.730 milhões; sua balança comercial agrícola teve déficit de USD 61.170 milhões. No mesmo ano, o comércio da China para produtos agropecuários somou USD 195.325 milhões, dos quais USD 128.247 milhões foram provenientes das importações e USD 67.078 milhões, das exportações. Nos últimos oito anos, as importações de alimentos pela China aumentaram em 255%, enquanto suas exportações aumentaram em 115%.

O crescente déficit da balança comercial agrícola da China (de USD 4.915 milhões, em 2006, para USD 36.050 milhões, em 2013) indica que o aumento da sua produtividade agrícola está aquém do aumento de sua demanda por alimentos. A China deve, portanto, continuar aumentando suas importações de alimentos e de matérias-primas nos próximos anos, bem como seus investimentos em países que possam prover tais produtos. Devido à competitividade de sua agricultura e à diversidade de sua produção agrícola, o Brasil é um dos principais países que têm condições de responder a esta demanda. ■

Este artigo reflete a opinião da autora, e não da instituição que representa.

* Adida agrícola da Embaixada do Brasil em Pequim, na China